

Um estudo sobre o consumo e sobre a economia circular na moda

A study on consumption and the circular economy in fashion

Henrique de Almeida Ferreira¹

R e s u m o

Este artigo apresenta um estudo realizado sobre o consumo e o desenvolvimento de uma coleção de vestuário pautada nas questões de sustentabilidade na moda. A coleção traz uma reflexão sobre o consumo conspícuo e a massificação de um ideal de vida desenfreado e eloquente derivado do fast fashion. E assim, expõe de maneira rápida como se deu a confecção consciente de suas peças.

Palavras-chave: consumo; economia circular; moda ética; desenvolvimento sustentável.

A b s t r a c t

This paper presents a study about the consumption and development of a garment collection based on issues of sustainability in fashion. The collection brings a reflection on the conspicuous consumption and the massification of an ideal of rampant and eloquent life derived from fast fashion. And so, it exposes in a fast way how the conscious confection of his pieces occurred.

Keywords: consumption; circular economy; ethical fashion; sustainable development.

¹ <http://lattes.cnpq.br/7010784844339002>

Introdução

O artigo em questão é parte de um estudo maior, que teve sua pesquisa e avaliação bibliográfica acerca do consumo com o objetivo de desenvolver uma coleção de vestuário feminino utilizando a economia circular como força motriz de produção. Assim, colaborando com o não desperdício e a utilização consciente de matéria prima, corroborando as práticas responsáveis de consumo e produção de vestuário.

“considerando que, em um passado não tão remoto, antes da globalização de fato (1990), época reconhecida por diversos autores como sendo a da ‘primeira modernidade’ (BECK, 1999; BAUMAN, 2002; BRANZI, 2003), tudo que se produzia era facilmente comercializado, uma vez que a demanda era tida como superior à oferta, e o mercado ainda delimitado como sendo de cunho e abrangência regionais” (MORAES, 2008, p.7).

A experiência de consumo assumia outra perspectiva diferente da que vivemos no cenário atual. A tecnologia trouxe avanços diversos que ofereceram facilidades para o dia a dia do ser humano. Contudo isso refletiu, também, diretamente no comportamento, na comunicação, na cultura e no consumo, fazendo pensar que esses avanço poderiam ser considerados muitas vezes como retrocessos em algumas esferas.

“(…) o sonho de um desenvolvimento contínuo e linear se fragmentou diante de emergências que não foram previstas e que se demonstraram imprescindíveis, como: a degradação de um ambiente cada vez mais saturado de mercadorias e detritos; o exaurimento dos recursos do planeta; a redução da necessidade da mão de obra humana e o alargamento da distância entre riqueza e pobreza. Tudo isto aconteceu, até mesmo nos países mais ricos e desenvolvidos do planeta” (MAURI, 1996, p.11).

A ânsia pelo “progresso” fez o homem ignorar questões de suma importância para o desenvolvimento social, colocando em xeque todo e qualquer objetivo que se diferenciava daqueles voltados para os avanços tecnológicos, que por sua vez visavam – em sua maioria – o enriquecimento de poucos na sociedade. Desta maneira, pouco a pouco foram extinguidos assuntos como degradação do meio ambiente, esgotamento dos recursos naturais, extinção de animais, poluição, descarte excessivos, exploração de mão de obra, etc.

Em contrapartida, o desenfreado “desenvolvimento” tratado acima foi colocado como principal objeto de pesquisa de estudiosos, que travaram, assim, algumas análises comportamentais acerca dele. O projeto em questão visa corroborar esses estudos colocando ênfase à metodologia de produção avaliada por alguns estudiosos e intitulada como *upcycling*.

“A abordagem do livro ‘Cradle to Cradle’ consiste em ver o lixo como alimento, como nutriente para aquilo que está por vir. (...) A perspectiva de longo prazo é completamente diferente da ideia de uma única reutilização por trás da tal sonhada ‘reciclagem’, em que sua garrafa plástica se transforma numa jaqueta... e dali a cinco anos a jaqueta vai exatamente para o mesmo berço sem saída, do berço à cova, onde teria ido parar a sua garrafa uns anos antes. O *Cradle to Cradle* vai além do coro ambientalista que diz que o crescimento é errado e que é virtuoso suprimir os prazeres que temos com coisas como carros e sapatos, até que não restem mais prazeres.”(BRAUNGART; MCDONOUGH, 2002, p.12).

Proposta

Busca-se estabelecer nesse trabalho a reflexão sobre o consumo conspícuo e a massificação de um ideal eloquente na moda. Além de avaliar o consumo, esse estudo propõe uma abordagem diferente na obtenção da matéria prima para produção de uma coleção de vestuário, fazendo uso dos conceitos da economia circular na produção e utilizando como inspiração visual as obras produzidas pelo artista plástico José Bechara. Isto posto, o propósito dessa coleção consiste em analisar o comportamento humano e produzir para o mercado da moda gerando baixo impacto ambiental e alta qualidade social, ampliando a atenção nas fases do ciclo de vida do produto.

“É comum presenciar debates que discutem a dicotomia entre duas categorias do processo de criação. De um lado, se situa o projeto desenvolvido a partir de princípios ‘puros’ - o ‘autêntico’ - e, de outro, o projeto de design voltado às demandas do consumo e à empresa e, portanto, ‘contaminado pelo mercado’. A este segundo grupo pertence o design orientado pelos vetores da moda.” (BLANCH; NOVIK, 2002)

Tais reflexões se embasam no consumo consciente, que visa não só a diminuição do desperdício de matéria prima, como também a utilização de mão de obra humana empregada de maneira humanizada, alinhados nos conceitos de *upcycling* e comércio justo respectivamente.

O consumo

“Vivemos o tempo dos objetos: quero dizer que existimos segundo o seu ritmo e em conformidade com a sua sucessão permanente. Atualmente somos nós que os vemos nascer, produzir-se e morrer, ao passo que em todas as outras civilizações anteriores eram os objetos, instrumentos ou monumentos perenes, que sobreviviam às gerações humanas.” (BAUDRILLARD, 1981, p.15).

O antropólogo ressalta o modo como o consumo de hoje é empregado, e o comportamento escravo que o consumidor se coloca vivendo em função do mercado. Enfatiza a obsolescência programada e a volatilidade dos produtos que em outrora adentravam gerações - construindo esse paralelo que nos objetiva em prol da personificação dos produtos por nós consumidos.

“O que realmente conta é apenas a volatilidade, a temporalidade interna de todos os compromissos; isso conta mais do que o próprio compromisso, que de qualquer forma não se permite ultrapassar o tempo necessário para o consumo do objeto do desejo, ou melhor, o tempo suficiente para desaparecer a conveniência do objeto.” (BAUMAN, 1999, p.90).

Para Bauman o que interessa de fato é a sensação do novo, quando o novo é atingido, logo a sensação imediata de prazer se finda. Neste momento, então, a produção da insatisfação motiva o desejo por outra novidade. Desta maneira se configura o quadro de estratégia de sobrevivência para Bauman. O autor destaca que na história o homem adotou a religião como estratégia de resistência, seguida do sexo, e das drogas; hoje, o consumo configura a principal ferramenta de permanência ao caos.

Sannett (SANNETT, 2006) também discorre sobre o assunto e intitula esse comportamento como “paixão consumptiva” a qual salienta o ardente desejo pelo que não se tem, explicando que a expectativa de ter algo é mais forte do que o fato de possuir o objeto em questão. Desta forma, quanto mais inacessível for o objeto de desejo mais ele será desejado.

Lipovetsky (LIPOVETSKY, 1989) diz que a busca constante pela felicidade tornou o consumo um elemento central da nossa sociedade. De maneira geral, os estudiosos ressaltaram o quadro quase que esquizofrênico que o consumo exerce no cenário econômico atual.

Vive-se em um período de intensa comunicação, centenas de milhares de informações bombardeiam o homem durante o dia. A velocidade com que se comunicam, com que se divertem, com que se relacionam com o meio, com que trabalham e estudam é completamente diferente do passado. Tudo se transformou em passageiro, a sensação do novo não é a mesma de antigamente. Hoje poucas são as coisas realmente profundas, é incentivada a superficialidade por todas as indústrias, a busca pelo prazer momentâneo tomou conta da essência humana. É nesse quadro que o consumo se instala. Desta maneira, como reflexo de toda essa nova forma de existir, o consumo ganha força e endossa esse sistema.

Conforme os dados da ABRELPE – Associação Brasileira de Empresas de Limpeza Pública e Resíduos Especiais, no ano de 2012, no Brasil, foram gerados cerca de 64 milhões de tonelada de lixo, 24 milhões de toneladas foram descartadas em destinos inadequados, como lixões. Esse volume equivale a 168 Maracanãs lotados de lixo. Sendo que 6,2 milhões de toneladas sequer foram coletadas. Desta forma, em média, cada brasileiro produz 383 kg de lixo por ano, um aumento de 1,3% de resíduos por habitante em relação a 2011. Segundo o Pnuma – Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente,

esses valores aumentarão do atual 1,3 bilhão de toneladas para 2,2 bilhões de toneladas até 2025.

O Brasil ocupa a posição de quinto colocado entre as indústrias têxteis mundiais, produzindo cerca de 9 milhões de peças de roupa por ano; dessas, em média 15% a 20% do tecido é desperdiçado por cada peça cortada. Assim, estima-se que o Brasil produz cerca de 170 mil toneladas de retalhos por ano – 80% desse material não tem destino adequado e acaba sendo jogado em lixões.

Além do volume exorbitante de lixo gerado pelo excesso do consumo, a forma como é produzida a matéria prima destinada à indústria também é preocupante. O uso de pesticidas e transgênicos poluem os lençóis freáticos, propiciando o desenvolvimento de doenças como o câncer e empobrecem o solo.

Outros reflexos também são gerados pela desenfreada maneira que a produção industrial se configura. O aquecimento global, provocado pela intensificação do efeito estufa, colabora com o aumento da temperatura global (estima-se um aumento, até o fim deste século, de 5° C), bem como os demais desdobramentos: secas, elevação do nível do mar, alagamento das regiões costeiras, (como é o caso de Miami Beach nas épocas de Super Lua e Lua cheia) desertificação, extinção de animais (estima-se que a cada hora três espécies de animais no mundo são extintas), etc.

Outro aspecto de suma importância a ser abordado: o emprego da mão de obra análogo à escravidão. Inúmeras marcas do *mainstream* possuem sua produção fora do país originário. A produção industrial se concentra em regiões nas quais o poder de barganha da mão de obra e matéria prima são maiores. Dessa maneira China e Índia são os principais países onde as grandes indústrias recrutam mão de obra – em sua maioria de forma análoga à escravidão.

Shima Akhter, aos 23 anos, trabalhava em uma das grandes fábricas de vestuário de Bangladesh (segundo a Organização Mundial do Comércio, o segundo maior exportador de vestuário do mundo, arrecadando cerca de US\$ 28 bilhões em transações) ela e outras mulheres somam um total de 85% da mão de obra industrial do país, e ganham menos de US\$ 3 por dia.

Shima e alguns amigos se mobilizaram para formar um sindicato na confecção onde trabalhavam, porém a negociação para reivindicar melhores condições de trabalho não ganhou um final amigável. Seus encarregados e superiores se reuniram (cerca de 40 homens) para agredir, com pedaços de pau, cadeiras, tesouras e afins, o grupo que “ousava” questionar as normas da

empresa. A história da jovem foi registrada no documentário *The True Cost*, dirigido por Andrew Morgan e ganhou notoriedade no mundo. Contudo, esse quadro, análogo à escravidão, ainda é recorrente no país.

Infelizmente não se precisa ir tão longe para conhecer realidades tão díspares. Segundo o Tribunal Superior do Trabalho uma funcionária da empresa Guararapes (Riachuelo) denunciou a maneira como a empresa trata seus funcionários. A funcionária recebia R\$ 550 para executar um volume de trabalho que por vezes superava seus limites físicos e psicológicos. Era obrigada a produzir cerca de 1.000 peças de bainha por dia, colocar elástico em 500 calças ou pregar 300 bolsos por hora. A funcionária contou que muitas vezes evitava beber água para diminuir as idas ao banheiro, idas essas que eram controladas com planilhas pelo seu encarregado. Assim como ela, milhões de outras mulheres, homens e crianças são explorados pelas mais diversas indústrias para suprirem o desejo descomunal da nossa sociedade de consumo.

Inspiração visual para o desenvolvimento da coleção

José Bechara – carioca, nascido em 1957 – foi escolhido como inspiração para o desenvolvimento da coleção por ser um artista que valoriza pesquisas experimentais e faz uso de materiais não convencionais em suas obras. O artista iniciou sua trajetória nas artes fazendo pinturas em lonas de caminhão reaproveitadas: suas peças eram elaboradas a partir da oxidação de ferros sobre a tela. Além de ressignificar o uso das lonas, Bechara - formado na Escola de Artes Visuais (EAV) do Parque Lage – abandonou as telas convencionais passou a utilizar distintos suportes e técnicas experimentando, também, dimensões escultóricas em seu trabalho. Suas obras exploram questões dualísticas entre equilíbrio/caos, interior/exterior, simplicidade/complexidade – e aguçam o olhar de quem as contempla.



Moodboard de inspiração sobre as obras do artista José Bechara

Desenvolvimento da coleção

O momento de maior dificuldade foi, sem dúvidas, também o mais importante e decisivo para que o projeto não caísse no discurso raso que alguns projetos de *upcycling* comumente caem: a escolha da matéria prima. Diferente da ideia inicial, que consistia em trabalhar com roupas de brechós de modo a desconstruí-las para obter a matéria prima, a ideia secundária tinha como objetivo utilizar tecidos descartados pela indústria na elaboração de novas peças. Após retraçada a estratégia de aquisição da matéria prima foi dada a largada para, enfim, adquiri-la. No entanto, não foi assim tão fácil.

Após inúmeros contatos via telefone e e-mail e várias visitas em dez marcas instaladas no polo de confecções de vestuário de São Cristóvão - RJ, apenas duas se mostraram aptas a algum diálogo, que aos poucos se perdeu em meio às burocracias. A última tentativa de aquisição da matéria prima de reuso foi o Banco de Tecido, que se localiza em São Paulo na Vila Leopoldina. O Banco de Tecido é uma iniciativa das empreendedoras Luciana Bueno e Andressa Burgos de criar um sistema de trocas de matéria têxtil. As sobras de criações diversas ganham a chance de serem usadas em novas criações. O banco recolhe os tecidos encalhados e esquecidos, que por algum motivo o dono não quer mais utilizá-los. Os tecidos são pesados, organizados e

higienizados. Em troca o depositante recebe créditos por cada quilo depositado e pode sacar outros tecidos do banco, dando novas chances para eles e evitando o descarte de materiais com alto poder produtivo. A visita ao banco rendeu um apanhado de tecidos diferentes e novas ideias para a coleção.



Sede Banco de Tecido



Tecidos garimpados

Briefing para criação

Coleção que reflita a temática sustentabilidade/ *upcycling*;

Inspirada na produção artística de José Bechara;

Roupas sofisticadas para serem usadas em ocasiões especiais, ou no dia-a-dia;

Cores claras e tons terrosos;

Influência das obras "Tríptico" e "Fendas" do artista Bechara;

Tecidos reaproveitados;

Coleção destinada para mulheres maduras e com conscia ambiental;

Influência de formas geometrizadas.



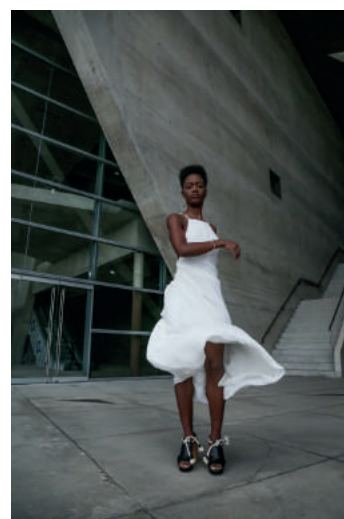
Line up da coleção/ ■ peça escolhida para produção



Desenvolvimento da modelagem



Moulage das peças produzidas



Modelos: Dai Goulart, Vitória Flores e Leilane Teles / Fotografia Bel Corção
Coleção na íntegra em: <https://www.behance.net/gallery/47263023/R-E-T-A-L-H-O-S>

Considerações finais

As peças aqui dispostas foram produzidas em pequena escala e em sua maioria com tecidos de reuso – livrando-os do descarte. A maioria dos tecidos usados para a produção das roupas foram retalhos adquiridos pelo sistema de crédito no Banco de Tecido, com exceção dos forros que foram comprados.

Importante destacar a preocupação com o possível descarte/manutenção das peças dessa coleção. Com o intuito de se responsabilizar de maneira integral com os produtos aqui produzidos, foi acordado com as compradoras das peças a realização de possíveis reparos necessários gratuitamente, bem como retorno de peças sem serventia, que serão descosturadas e servirão

como insumo para novas criações.

A elaboração desse projeto não teve como intenção ser pontual no que tange o *upcycling* na produção de moda. Não possuiu como intuito escolher a temática da economia circular de forma a exaurí-la e em seguida deixá-la. Entende-se que a abordagem dessa produção do design de moda vai muito além de uma "tendência" ou "modismo", e que com ela (e outras iniciativas conscientes) novas formas de pensar e se relacionar com o vestuário estão sendo estabelecidas. O estudo aqui exposto gerou desdobramentos futuros sobre as potencialidades de materiais descartados e seus usos na produção do design, bem como a pesquisa e análise da produção do *slow fashion*. Assim, um pequeno grupo de estudo de alunos da PUC-Rio foi formado com o objetivo de discutir essas questões e encontrar novas abordagens sobre a produção, o consumo e o descarte éticos.

Posto isso, a avaliação de como a massificação do consumo e a maneira como o homem trata os recursos naturais terrestres é preocupante. A coleção "Retalhos", assim como inúmeras outras coleções de *slow fashion*, prova que é possível produzir de maneira ética e responsável. Necessita-se, além de pensar em novas formas de produção/descarte, conceber uma nova relação homem/natureza para, assim, estabelecer o equilíbrio e garantir a saúde do homem e do lugar onde habita.

Bibliografia

- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. São Paulo: Martins Fontes, 1981. p15.
- BAUMAN, Z. **As consequências humanas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999. p90.
- BRAUNGART, M.; MCDONOUGH, W. **Cradle to Cradle: Remaking the way we make things**. Edição 1 ed.. Nova Iorque: North Point Press, 2002. Editora G. Gili - 192 p.
- BLANCH, A.; NOVIK, L. **Design, moda e negócios politicamente corretos**. Design de moda: olhares diversos. Doroteia Bduy Pires (org). Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008.
- EDELKOORT, Li. **Manifesto Anti--Fashion**. 2015.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAURI, Franscenco. **Progettare progettando strategia**. Milano: Ed.Dunob, 1996, p. XI.

MORAES, Dijon de; KRUCKEN, Lia. **Design e transversalidade Cadernos de Estudo Avançado em Design**, Caderno 2, v. 1 (jul. 2008). Santa Clara : Centro de Estudos Teoria, Cultura e Pesquisa em Design. UEMG -Belo Horizonte. MG, 2008.

OSÓRIO, L. C. **Jósé Bechara - Fendas - catálogo de exposição**. 2010/2011.

PIRES, D. B. et al. **Design de moda: olhares diversos**. Barueri, SP: Estação das Letras e Cores Editora, 2008. 423p.

SANNETT, R. **A cultura do novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 2006.